

Literatura

Entrevista **Cristovão Tezza**

Com o espírito do nosso tempo

Em seu novo romance, *A Tensão Superficial do Tempo* (Todavia, 272 pgs., R\$ 39 o e-book e R\$ 64,90 o livro físico), Cristovão Tezza traça um sagaz panorama da dualidade política contemporânea brasileira. Através do fracasso amoroso de Cândido, professor de química em um cursinho pré-vestibular e especialista em piratear filmes, o autor conduz uma narrativa densa, sem capítulos, em que diversos tempo do passado e presente coexistem fundindo-se uns nos outros a partir das lembranças do protagonista. Em entrevista à repórter Valentine Herold, ele conversou sobre as temáticas do romance e o papel da literatura.



DIVULGAÇÃO

se passa em São Paulo, uma consequência inevitável do personagem. *A Tensão Superficial do Tempo* se passa em Curitiba por exigência mesmo do personagem Cândido e de suas ramificações familiares; na verdade, as questões políticas e jurídicas do livro foram surgindo depois. O projeto inicial que eu tinha na cabeça era apenas a história de uma fratura amorosa de um pirata caseiro da internet, que baixava filmes para abastecer a mãe.

JC - Quais os maiores desafios de escrever um livro tão contemporâneo como este, de conseguir ter o distanciamento necessário das tensões do momento presente para incorporá-las à narrativa?

CRISTOVÃO - Acho que há muitas variáveis em jogo. Antes de tudo, está uma concepção de literatura, daquilo que é o seu terreno. A literatura cria hipóteses de existência, não teses, doutrinas ou ensaios sobre nada (embora personagens possam eventualmente fazer isso em fragmentos). Depois, o foco narrativo, o eixo do que eu quero contar. Estou interessado em pessoas e suas relações; suas ideias são apenas parte do cenário. Finalmente, é preciso manter alguma resistência às armadilhas emocionais, tanto as políticas como as pessoais, o que não é fácil. Mesmo a situação mais quente e fulgurante deve ser criada com gelo. Lembro que só escrevi *O Filho Eterno* - um romance sobre minha experiência como pai de uma criança Down - mais de 20 anos depois que meu filho nasceu. Bem, questões pessoais não têm data, uma vantagem sobre as questões políticas, que, como se sabe, têm a consistência das nuvens.

JC - Existiu, ao longo da escrita, a preocupação ou o medo de fazer citações diretas a esses fatos e personagens políticos resultasse em uma leitura muito pontual e datada?

CRISTOVÃO - Sim. O mundo contemporâneo pulsa em toda literatura, mesmo que o autor não pense nisso, mas é preciso traçar um limite entre o histórico e o volátil, o que transcende o tempo presente e o que se reduz a ele. Não faz sentido a literatura competir com o jornalismo diário, que já lida diretamente com a informação pontual e com a opinião direta. A literatura se faz em outra camada da realidade. Por exemplo: o presidente, em si, é uma mediocridade irrelevante - o nome dele mal aparece -, mas a assustadora pulsão que ele representa no país é definitivamente relevante, porque é nessa nulidade que boa parte do Brasil parece se espelhar. Esse espírito do nosso tempo - o culto da violência, o horror à inteligência, a incapacidade da ironia, o orgulho da estupidez, a volúpia da mentira, a boçalidade triunfante, tudo o que se vê e se sente espumando em torno - é certamente matéria prima da ficção. O romance nunca teve medo de enfrentar as questões do tempo presente. Ao contrário, é dele que se alimenta para definir-se como gênero.

JC - Durante sua primeira ida à casa do procurador, Cândido conversa com o fotógrafo Hildo e fala sobre

como certos momentos o deixam "em estado de paralisia argumentativa". Hildo responde que é assim que ele se sente em relação ao Brasil, mas podemos também interpretar o próprio Cândido como alguém neste constante estado, muitas vezes ele parece mais um espectador da própria vida do que um protagonista ativo. Como se deu a construção deste personagem?

CRISTOVÃO - Costumo brincar dizendo que, ao contrário do que imagina o senso comum, escritores de ficção são pessoas que não sabem o que fazem. É uma brincadeira com algum fundo de verdade. Bem, é sempre bom lembrar que nenhum escritor do mundo serve de modelo; todos são um caso único e irrepitível. No meu caso, os livros nascem de uma imagem e de alguma

período e de que forma analisa hoje essa dualidade?

CRISTOVÃO - Como escritor nascido nos anos 1950, minha formação, na década seguinte e na virada dos anos 70, foi marcada por dois momentos contraditórios. A emergência da contracultura implodiu as formas estáveis e convencionais de reconhecimento do mundo, e o golpe militar de 64, com o sobregolpe de 68, criou um imperativo polarizante que, como a maldição de Sísifo, volta a nos assombrar como um fantasma, agora com a força da mais intensa idiotia cultural oficial de que tenho memória. Obviamente, o horror atual não caiu do céu. Há razões subterrâneas que se arrastam no século, difíceis de mensurar e avaliar, e outras pontuais e acidentais, que correm pela superfície. O desastre da ditadura militar, que após vinte anos devolveu em ruínas um país quebrado, inteiro fraturado sob a maior inflação do mundo, e adiante o desastre de uma esquerda completamente imobilizada pelo fascínio lulista, desembocando no fracasso do governo Dilma, com um recuo do PIB digno de pandemia, e eis que estamos onde estamos. Como cidadão, é difícil não ficar pessimista, porque, atrás de tudo, há o monumental fracasso histórico brasileiro do ensino fundamental e do ensino médio públicos, sem os quais, nada fica em pé. Já era ruim; agora, com a pauta educativa da Idade Média e com a paralisia administrativa que nos assombra, o que vem pela frente?

JC - A Tensão Superficial do Tempo é também uma homenagem à Sétima Arte, com muitas citações diretas a clássicos, além do hobby de Cândido de baixar ilegalmente centenas de filmes. Qual sua relação pessoal com o cinema?

CRISTOVÃO - Desde a sua criação, a influência do cinema na vida das pessoas é onipresente, e atualmente é avassaladora, pela facilidade do streaming. O fascínio da duplicação do mundo pela imagem, a profunda ilusão realista, o poder do escapismo e da vida paralela, tudo isso é uma presença. O cinema já é há muito tempo uma referência obrigatória para o entendimento do mundo, com o protagonismo que a literatura já viveu em outros tempos. Eu sempre fui apaixonado por fotografia e sempre gostei de cinema, ainda que não como especialista. Ultimamente tenho visto muitos filmes dos anos 70, para tentar entender que espírito pulsava ali além das calças boca de sino. E há, é claro, uma relação forte entre literatura e cinema. Costumo dizer que só escrevo o que vejo - a imagem é sempre o meu ponto de partida. Mas já na segunda página sinto que o cinema não conseguiria dizer o que digo, assim como há filmes que, por escrito, seriam destruídos.



obsessão narrativa. Antes de começar, eu via alguém ainda sem nome num banco de um parque de Curitiba, emocionalmente destruído por um fracasso amoroso; ele seria um expert em filmes baixados da internet para abastecer a mãe viúva. A imagem foi me perseguindo até que comecei o livro, com um certo espírito de empreitada e de performance, como sempre me acontece. Bem, basta escrever a primeira frase e eu passo a ser conduzido pelo processo de escrever, bastante intuitivo, que vai determinando do ponto de vista à extensão das frases. O nome "Cândido" surgiu, e daí a sua teia existencial foi se montando. É uma óbvia referência literária ao clássico de Voltaire, mas agora menos pelo otimismo e mais pela ingenuidade. Escrevendo, você em pouco tempo vê alguém praticamente de carne e osso diante de você, e a sua liberdade vai se estreitando. O próprio escritor cria os seus limites. Sim, Cândido parece se mover como um espectador de sua vida, um aspecto que o narrador do livro acaba absorvendo por inteiro. A sua "paralisia argumentativa" é também uma paralisia emocional diante do seu fracasso amoroso. Mas isso não estava nos planos: fui descobrindo enquanto escrevia. E em boa medida essa paralisia argumentativa, por acaso, passou a funcionar no livro como uma metáfora do Brasil.

JC - O microcosmo do cursinho onde Cândido é sócio e dá aula é muito interessante para pensar os diferentes posicionamentos políticos dos brasileiros e o abismo que cresceu entre a esquerda e a direita a partir do impeachment de Dilma até a eleição de Bolsonaro. Como você vivenciou esse

JORNAL DO COMMERCIO - A trama central do livro gira em torno da vida amorosa e profissional de Cândido e de sua relação com a mãe, uma história que, por estes aspectos, poderia ser universal. Mas há um pano de fundo muito atual, provocado por acontecimentos recentes da política brasileira, como a Operação Lava-Jato, popularização da figura de Moro, prisão de Lula, todos ocorridos em Curitiba, que repercutiram amplamente em todo o país. Seria possível, entretanto, a história de Cândido situar-se em outra cidade?

CRISTOVÃO TEZZA - Lembro que quando comecei a es-

crever, na virada dos anos 1970, minhas histórias se passavam em espaços difusos e indeterminados, em cidades imaginárias, o que repercutia o espírito do tempo. A partir do romance *Trapo*, nos anos 80, o realismo geográfico começou a fazer parte da minha linguagem, e não me largou mais. É como se todo personagem exigisse um cenário concreto e definido. Curitiba passou a ser parte integrante dos meus livros, mas há exceções: em *O Professor*, a cidade não se define, mas o espaço central do romance é uma universidade pública brasileira, o que é bastante específico, porque são todas muito parecidas. *A Tirania do Amor*

JC CLUBE
QUEM TEM,
TEM



10%
de desconto
para sócios



BAIXE NOSSO
APLICATIVO
E APROVEITE!

DISPONÍVEL NO
Google Play

Baixar na
App Store

(81) 3413.6100

jcclube@jc.com.br

JC
Clube